

PALAVRA DO REITOR

Este é o 30º número da Revista Univap, atualmente sob forma eletrônica, o que facilita distribuição final do texto e também a recepção dos artigos a serem examinados.

O sempre lembrado mestre Anísio Teixeira, eterno incentivador da transformação de aparentes utopias inatingíveis em realidades a serviço da humanidade, propugnava: “se possibilitarmos a todos os níveis de educação, teremos uma verdadeira sociedade de cidadãos”.

Já se avançou muito na conversão crescente dessa utopia em realidade, mas ainda estamos em débito, na maior parte dos países. Ainda agora, assiste-se na Somália à morte de milhares de crianças, por absoluta falta de alimentação.

E recorrendo ainda ao mestre Anísio: o grande objetivo da educação é conseguir que cada aluno tenha a certeza de que é membro de uma sociedade de cidadãos com iguais direitos e deveres. Nela só há cidadãos. Não há não cidadãos. Não há meio cidadão”.

E está em nossas mãos, educadores, batalhar pela solução: a educação de qualidade, que cada um exige para seus descendentes, mas nem sempre para todos, sem distinção, que pode resolver a grande utopia da igualmente generalizada. E os que governam, como ficam? São iguais aos governados?

Lembro do livro da autobiografia de Trotsky, no qual ele descrevia o pensamento de um anarquista: Veja este conjunto de feijões. Retiro um deles e digo: este é o privilegiado, o chefe. Alguém o recoloca no conjunto dos feijões e mistura-os. Onde está o chefe?

Esta negação do chefe ou da não necessidade de um governo, tão a gosto dos anarquistas, pode servir para entender como a existência de cidadãos especiais só depende de uma convenção. Misturados com os não cidadãos são fisicamente indistiguíveis, como os feijões do Trotsky. Só se distinguem pelo que houverem internalizado, permitindo-lhes falar, escrever e argumentar e por isso serem distintos.

E, diferente da anarquia, é possível organizar a sociedade pelo voto e delegar funções e atribuições.

E para que esta delegação seja bem feita é fundamental que os cidadãos eleitores sejam educados para o exercício do voto consciente. E que os eleitos sejam, amplamente preparados, de modo a dividir seus conhecimentos e experiência em benefícios de todos. E, lógico, com honestidade também, sem se aproveitar de informações privilegiadas em benefício próprio e de tudo o mais, repelindo o que a ética não recomenda.

Utopias, também?

*Antonio de Souza Teixeira Júnior, Prof. Dr.
Reitor da Univap*